



# Apoiando o Iraque na Construção de seu Exército

**Tenente-Coronel Carl D. Grunow, Exército dos EUA**

**S**E OS AMERICANOS estão de acordo com o Presidente George W. Bush ao afirmarem que um fracasso no Iraque não é uma opção, temos de admitir que a ajuda ao Iraque seja necessária durante um longo período. O novo Exército Iraquiano necessitará de anos, antes de se equipar para combater os desafios impostos pela ameaça constante dos revolucionários e terroristas. O apoio dos Estados Unidos é essencial durante esta fase. Apresentarei algumas sugestões, tomando como referência a minha experiência de um ano como Consultor do Comando Multinacional de Transição da Segurança no Iraque (*Multi-National Security Transition Command-Iraq — MUSTC-I*), cujo objetivo era equipar e treinar a nova Brigada Blindada do Iraque. Sugerirei também que futuros consultores sejam nomeados para trabalhar com o Exército do Iraque, na tarefa de construir uma nova força militar profissional e competente.

Este artigo baseia-se, portanto, na minha experiência como Consultor mais antigo da Coalizão na Equipe de Ajuda ao Treinamento Militar, cuja função era assessorar a 2ª Brigada Blindada da 9ª Divisão, localizada a 15 milhas ao norte do Bagdá, em Taji, no Iraque. Quando em agosto de 2005 a minha equipe composta de 10 oficiais chegou, a brigada estava ainda em fase de composição. Equipada com carros de combate T-72, a 2ª Brigada era a única brigada blindada do Exército do Iraque. Nos próximos 11 meses, minha equipe, juntamente com outras quatro de nível batalhão deram assistência nomeando, equipando, treinando e implementando uma

*O Tenente-Coronel Carl D. Grunow completou doze meses como Consultor de uma Brigada Blindada do Exército Iraquiano em junho de 2006. Ele é graduado pela Academia Militar dos Estados Unidos e possui o título de mestre pela Cornell University. Serviu em várias funções no Exército Americano, tendo exercido diversos comandos no território continental dos Estados Unidos, Oriente Médio, Sinai e Iraque.*

organização militar em desenvolvimento. Ao final do meu período em 2006, a brigada contava com 1.700 oficiais que assumiram a liderança em suas áreas de responsabilidade. Eu compartilho aqui minhas experiências com os próximos líderes.

Primeiro, aprecie a importância da missão de consultoria e entenda a enormidade da tarefa a ser cumprida. Os oficiais do Iraque com os quais conversei concordam, de modo unânime, com o fato de que a presença americana no Iraque é essencial para se prevenir um colapso catastrófico do Governo e uma guerra civil. O elemento vital nessa presença é o grupo de consultores do Iraque, que tem como tarefa orientar e guiar o Exército Iraquiano para a sua auto-suficiência. Enquanto o novo Governo do Iraque tem dificuldades para alcançar a autonomia, não existe outra instituição no Iraque capacitada para prevenir a anarquia. A destruição do antigo Exército em 2003 deixou muito pouco para a reconstrução. Sendo assim, forças multinacionais estão reconstruindo um novo Exército Iraquiano. A discussão sobre a dissolução do antigo Exército Iraquiano não será abordada neste artigo; porém, os consultores devem aprender a apreciar completamente a abrangência do desafio, decorrente da dissolução desse antigo Exército.

A seguir faremos um esforço para descrever e entender os soldados do Iraque; cultivar e respeitar a sua cultura. Cada consultor americano começa com grande credibilidade em termos de sua experiência militar e o Iraque acredita que os americanos são capazes de solucionar os problemas quando se concentram na tarefa. Com humildade e sensibilidade cultural, cada consultor americano poderá usar essa credibilidade para ampliar as suas vantagens na reconstrução de uma nova força militar iraquiana.

Finalmente, o consultor deve compreender o relacionamento entre as unidades iraquianas. Ao mesmo tempo em que ele trabalha com uma força iraquiana, deverá fortalecer suas relações com os aliados da Coalizão. A missão da Coalizão é construir um novo Exército Iraquiano que possa eventualmente tornar-se auto-sustentável. Porém é difícil conduzir simultaneamente operações de combate contra revoltosos e treinar os Iraquianos, sendo que os atritos entre todas as organizações envolvidas podem inibir o crescimento da unidade iraquiana.

### Os Desafios do Consultor

Ao desmontar o antigo Exército iraquiano, os Estados Unidos responsabilizaram-se por substituir uma instituição que era respeitada e opressora em todo o Iraque. Saddam poderia contar com seu Exército para manter o controle sob qualquer dissidente interno, como o fez, ao reprimir as rebeliões de larga escala no sul, em 1990. Disciplina de ferro era a norma na época do Governo de Saddam. Nos menores escalões, os tenentes sabiam que podiam contar com a completa obediência de seus soldados. O Exército da atualidade é totalmente diferente. Diferente do Exército de Saddam, o Exército novo assenta-se na liberdade e, nesse particular, tanto os oficiais como os soldados acham-se confusos sobre esta nova norma.

**Recrutar, Reter e Responsabilizar.** Uma das tarefas mais críticas do Exército é recrutar e manter os soldados. Atualmente, eles não possuem nenhum contrato efetivo e podem abandonar o serviço a qualquer momento. Sendo assim, o único fator que os vincula ao Exército é o salário a ser pago (o que nem sempre ocorre) e o sentimento do dever. Há casos de bons soldados que abandonam o serviço quando recebem ameaças terroristas contra suas famílias. Soldados menos comprometidos não comparecem ao treinamento quando os mesmos tornam-se mais intensos. Nas missões com dificuldade e risco de fatalidade, o percentual de permanência é de 40%. O Exército iraquiano antigo executava seus desertores sem dar-lhes oportunidade de defesa; o novo Exército não exerce nenhuma pressão e apenas assiste passivamente a saída de seus desertores, sabendo que não existe autoridade real para puní-los.

Eu acredito que muitos dos oficiais apresentam-se para servir porque eles possuem a noção do sentimento do dever e querem salvar seu país do caos. Eles assumiram tarefas no Exército atual envolvendo-se em uma atividade de risco. Analisando somente a minha brigada, verificam-se tragédias pessoais, de modo crescente. O irmão de um comandante foi seqüestrado e assassinado. Os primos do subcomandante contratados para proteger a família do comandante foram encontrados mortos e presos na entrada de sua casa com uma mensagem avisando que ele seria o próximo. Dois dos comandantes de quatro

batalhões tiveram que deslocar sua família buscando proteção das ameaças de morte. O filho do subcomandante do batalhão foi seqüestrado e ainda não foi encontrado.

Soldados e oficiais iraquianos fazem uma escolha diária entre continuar a investir no novo Governo ou sair em busca de uma melhor oportunidade oferecida pelo caos. Sem o firme apoio americano, esses oficiais e soldados com certeza já teriam abandonado e assumido a postura de que os seus esforços são em vão. Essa realidade permanecerá como um risco até que o Governo e as forças de segurança tornem-se mais competentes.

A conferência de pessoal é uma outra questão, tomada mais em conta para os americanos do que para os iraquianos. Os militares do Iraque são terríveis para manter sob controle seus soldados. Eles não utilizam nenhuma conferência de rotina e

***...na realidade e com frequência, as operações combinadas consistem em empregar um grupo iraquiano na operação, enquanto as unidades americanas definem os objetivos.***

as unidades esperam o dia do pagamento para fazer uma estimativa do seu efetivo. Tal fato justifica porque a conferência dos iraquianos é sempre incorreta. Consultores americanos conferem os soldados nos postos de controle para ter uma noção sobre a distribuição de sua força.

**A motivação do novo Exército Iraquiano.** Além disso, os comandantes iraquianos evitam deslocar um número significativo de seus oficiais para uma missão. Em um dado momento, parceiros da Coalizão e consultores da 2ª Brigada alarmaram-se ao verificar que um batalhão de infantaria de 550 homens poderia enviar apenas 150 soldados para o campo de batalha de uma única vez. Inicialmente, os consultores americanos tentaram aumentar o número dos que se deslocavam, mantendo controle das cópias dos relatórios diários e questionando porque tão poucos soldados estavam saindo para uma missão. Nós nos reunimos com os comandantes do

Iraque com o objetivo de ressaltar as estatísticas sobre os efetivos em deslocamento como uma forma de provocá-los a melhorar tais números. Nós tentamos também lembrá-los de uma determinação do Ministério da Defesa proibindo que mais de 25% do grupo fosse dispensado. Desenvolvemos também uma apresentação de imagens pelo PowerPoint® que ilustrava o número de combatentes participando de operações de segurança e questionava a situação dos pelotões sem missão. Usando outra medida para ilustrar a incoerência dos números, consultores contaram o número de veículos de combate em missão. Esse esforço sustentado não provocou nenhuma mudança. Os iraquianos acreditam que eles estão cumprindo a missão, sem perceber que a distribuição de pessoal é um problema.

Somente depois que a 2ª Brigada passou a liderar a área de operações, foi quando os consultores testemunharam uma nova abordagem, otimizando ao máximo as forças de combate disponíveis. Quando planejaram a sua primeira operação independente, o comandante de um batalhão do Iraque e os oficiais da brigada trabalharam juntos para viabilizar o maior emprego possível de pessoal em uma operação. Enquanto parte dessa nova força tinha a experiência de outras operações atuais, um percentual significativo da mesma força passava a se preparar pela primeira vez para um combate. Certamente, quando o comandante iraquiano acreditou na missão, ele encontrou as forças militares para executá-las.

**Ainda lutando a última guerra.** Outro desafio é que a doutrina do Exército do Iraque está desatualizada. Eles ainda estão lutando da mesma forma que fizeram na última batalha da intensa guerra entre o Irã e o Iraque de 1980. Uma guerra com uma clara definição do campo de batalha, com uma massa de formações militares e um combate onde os civis no campo de batalha eram uma minoria e não o centro de gravidade.

Seria um ato de sabedoria se futuros consultores estudassem essa guerra de oito anos de conflagração com um total de mortes superior a 1.5 milhão de pessoas. Ataques em grande escala e intensas operações eram as únicas regras. A sucessão de assaltos de tropas não constituía um alvo para os soldados do Iraque. Ouvi muitas estórias sobre os campos de batalha cobertos com corpos após um excessivo consumo de munição. O carro de

combate T-72 apresentou uma performance excepcional, porém a infantaria teve sua importância ao manter os soldados iranianos distantes, mesmo com suas deficiências no lançamento de granadas. Eles continuam muito orgulhosos de seus sucessos “vencendo a agressão iraniana”. Oficiais iraquianos relatam que as batalhas contra os americanos em 1991 e 2003 foram marcadas por aberrações, cujo resultado foi atribuído à Força Aérea americana e a uma capacidade tecnológica inigualável.

Igualmente, no nível tático, oficiais e soldados do antigo Exército tendiam a tentar resolver os problemas táticos atuais e de baixa intensidade, usando técnicas de 1980. Eu, com frequência, ouvia o refrão de que se os americanos pudessem “libertá-los” os iraquianos poderiam derrotar os insurgentes rapidamente. Mas, os comandantes do Iraque relutavam em colocar os carros de combate em áreas urbanas, em face da proximidade de regiões em que poderiam ser alvo das granadas. Eles recusam fracionar três pelotões de carros de combate porque acreditam não ser prudente subdividi-los nesse nível.

Os soldados do Iraque tendem a reagir sob fogo, da mesma forma que se eles estivessem sob um ataque de grande escala. Eles devem aprender a ter disciplina com o fogo e, cuidadosamente, selecionar o alvo em um campo de batalha com presença marcante de não combatentes. Infelizmente, a tática do Iraque que preconiza a matança em grande escala é comum e foi testemunhada por cada um dos soldados americanos que passaram algum tempo fora da guarnição. Qualquer ataque do inimigo contra o Exército do Iraque, seja por morteiro, franco-atirador ou um explosivo improvisado, leva o soldado mediano do Iraque a descarregar completamente seus carregadores, disparando toda a munição disponível e que esteja a seu alcance. Noventa por cento das vezes, não existe um alvo e os soldados iraquianos concordam que agir assim é perigoso, além de desperdiçar munição. Mesmo assim eles mantêm este modo de atuar em combate.



Exército dos EUA

*Soldados iraquianos auxiliados pelos assessores da Coalizão passam três dias descarregando 77 carros de combate T-72 para equipar a 2ª Brigada.*

Um fenômeno semelhante ocorre quando o Iraque reage diante da morte de um companheiro no campo de batalha. Certa vez observei um grupo de soldados iraquianos que, em um impulso, ia se lançar sobre a comunidade civil, um evento que poderia ter sido trágico caso um consultor não tivesse interferido para sustar a missão. Em outro momento, um franco-atirador inimigo após abrir fogo contra a tropa desencadeou uma reação em resposta ao fogo que durou aproximadamente mais de 90 minutos, após o inimigo já ter recebido um tiro fatal. Essa reação feroz e após já ter matado o inimigo pode ser devida à cultura dos iraquianos de negação, ódio, luto, tudo ao mesmo tempo. Apesar de sofrerem com a perda de um amigo ou parente, tudo indica que o acúmulo dessas perdas lhes permite manter as atividades.

Em termos operacionais, os iraquianos não compreendem a importância de múltiplas linhas de atuação, incluindo o Governo, a infra-estrutura e a economia. Seu método preferido é o uso da força, em resposta a todas as ameaças percebidas e reais. O Exército do Iraque não trabalha com os civis; o Exército da era de Saddam com 60 divisões não buscava colaboração. O xeque era sempre responsabilizado por qualquer acontecimento em sua área de responsabilidade. Na era de Saddam, quando ocorria algum problema, o xeque e sua família eram mandados para a cadeia sem qualquer direito a defesa. E a cadeia no Iraque é um lugar bastante hostil. Líderes do Iraque entendem nossa reverência às leis em teoria, mas não na prática.

Por exemplo, eles têm dificuldade em compreender porque nós tratamos o detento com respeito e inclusive alguns são devolvidos para a sociedade. Durante o Governo de Saddam, o Exército não tinha a preocupação em conquistar corações e mentes. A força e o medo eram elementos que garantiam a submissão.

Este não é um bom modelo na atualidade das operações de baixa intensidade contra revoltosos e isso complica a tarefa de ajudar o Iraque a derrotá-los. O novo Exército do Iraque usa estratégias e táticas bastante diferentes daquelas empregadas no passado e que lhe são praticamente estranhas.

Oficiais de patente inferior a tenente-coronel são bons executantes, mas têm pouca experiência para criar e planejar operações para unidades de menor escalão envolvidas nas operações de baixa

***Em termos operacionais, os iraquianos não compreendem a importância de múltiplas linhas de atuação, incluindo o governo, a infra-estrutura e a economia.***

intensidade contra revoltosos.

De um modo geral, a nova geração de soldados e oficiais, gradualmente, está aprendendo a diferença entre servir um país e servir um ditador, mas sabemos que o processo de empregar táticas mais eficazes, técnicas e procedimentos adequados, irá demandar mais tempo.

**Infra-estrutura.** Alguns aspectos necessários à construção de um novo Exército podem ser rapidamente superados. O Ministro de Defesa em breve disporá de um sistema implantado recrutando, treinando e distribuindo novos soldados. O contrato nacional de manutenção irá em breve abrir o fluxo de sobressalentes, oriundos de fornecedores estrangeiros. O salário dos soldados deverá, em breve, constituir-se em uma das mais importantes razões para mantê-los no Exército, substituindo-se as frustrações que são as principais causas das deserções.

Outros avanços vão exigir mais tempo. O surgimento do Sistema de Educação e do Centro de Treinamento evoluirá para uma coordenação

em rede, garantindo-se competência militar e profissionalismo. O centro de apoio regional vai necessitar de mais tempo antes de estabelecer-se completamente como um sistema logístico efetivo no Iraque. A agência de administração de pessoal melhorará, reduzindo-se as atividades de lazer e permitindo ao comandante um melhor emprego de seu pessoal. Enquanto isso, consultores dos Estados Unidos apoiarão, provendo credibilidade enquanto tais sistemas não se tornem viáveis.

## **Conhecer os Soldados e a Cultura**

Nós devemos ser cuidadosos antes de generalizar o trabalho no Iraque. O comandante da 2ª Brigada, com as mãos para o alto, uma vez fez um comentário de que assim como os dedos de sua mão as pessoas possuem diferentes tipos de fraquezas e talentos: cada um de nós é único. Mesmo assim, os consultores precisam ter consciência de que não estão trabalhando em Kansas, Geórgia ou Texas. Em outras palavras, os consultores têm que compreender a cultura e os soldados locais.

**Relacionamentos.** Os iraquianos valorizam mais o relacionamento do que os resultados. Eles interrompem uma conversação, independentemente de sua importância para cumprimentar alguém que entrou na reunião atrasado ou sem ser anunciado. A característica deles de não reconhecer uma má conduta ou falha é bem conhecida. Os consultores descobriram que fotografar as evidências é essencial para recriar os fatos, após seu acontecimento.

**Ingenuidade.** As sanções econômicas e a austeridade fizeram com que os iraquianos se tornassem bastante improvisados. Nós observamos um sargento trabalhando para melhorar a aparência de seu quartel-general. Na falta de pincel para pintura, ele estava pintando a cerca de vermelho, com as próprias mãos. Buscando melhorar as aparências, o comandante ordenou um subordinado que usasse umas cabeceiras de cama velhas de cor roxa para alinhar o meio fio, criando um visual estranho para seu prédio. Muitos imitaram seu exemplo, pois havia muitas cabeceiras disponíveis.

Os iraquianos também demonstram ingenuidade na manutenção dos materiais necessários às suas operações. O consultor de manutenção de um

batalhão de carros de combate relatou-me, com orgulho, que o seu pessoal estava provendo apoio mecânico direto sem o mínimo de instrumentos necessários, o que equivale dizer que o motor de um carro de combate foi retirado, usando-se um kit de ferramentas do Wal-Mart. Quando fizemos uma inspeção em um posto de controle de tráfico, um comandante de uma companhia do Exército do Iraque demonstrou como um de seus oficiais retirou o motor do carro de combate naquele mesmo local. Essa experiência e espírito prático também estão presentes em trabalhos mais refinados. Um mecânico reparou uma complexa unidade de travessia e elevação, usando apenas um cabide e um alicate. Com certeza os iraquianos aplicam o ditado: “Onde há vontade há uma possibilidade”.

**Fatalismo.** Os iraquianos tendem a ser fatalistas, colocando o seu futuro nas mãos de Alá. Isso explica porque eles continuam a lutar pelo futuro apesar das tragédias diárias com os carros-bombas, atrocidades e assassinatos que afetaram quase todas as famílias. Quando um amigo iraquiano regressa de uma dispensa, eu sempre lhe pergunto sobre as férias. (Esta é uma das frases que eu memorizei em árabe).

Aproximadamente 30% das vezes, eles têm alguma notícia trágica: seqüestro de um primo, ameaça de morte ou uma explosão próxima de sua casa. Quando nós lamentamos o acontecido eles tipicamente respondem com *Allah kareem* (Deus é generoso). Isto não se trata simplesmente de estoicismo, pois, às vezes, surgem as lágrimas. Contudo demonstra que os iraquianos sentem-se com menos controle sobre os acontecimentos, comparado aos americanos.

Para os americanos, o aspecto mais frustrante desse fatalismo traduz-se em uma falta de zelo e planejamento detalhados. Os iraquianos esboçam um calendário operacional e tipicamente preparam-se, no máximo, para as próximas 48 ou 72 horas. Um exemplo dessa falta de planejamento ocorreu antes de passar o controle da 2ª Brigada. A rotina do comandante americano incluía uma apresentação no Governo local semanalmente. Quando os iraquianos assumiram o controle da brigada, eles continuamente delegavam a responsabilidade de comparecer a essas reuniões, selecionavam oficiais aleatoriamente para comparecer e, como conseqüência, geralmente falhavam ao não se beneficiar de tais *briefings*. Os encontros matinais e de atualização da

O Marechal de Campo Viscount Slim, sobre serviço com tropas estrangeiras na Segunda Guerra Mundial:

***O grande número de soldados europeus, disponibilizado em unidades nativas da Índia, me levou a apreciar uma generosidade desnecessária, pois eu estava acostumado com batalhões que contavam com apenas 7 ou 8 europeus no campo de batalha. Eu nunca mudei de idéia e minha experiência posterior prova isto. Eu sei que isso soa como heresia para muitos dos “costeiros” com muita experiência. Constantemente me diziam que, com a expansão das forças africanas, ao invés de sermos demais, mais oficiais britânicos e praças eram necessários. Mas essa grande presença de britânicos em unidades africanas apresentava grandes desvantagens. A única maneira de substituir era recrutar praças, ainda que isso nem sempre fosse o mais certo a ser feito. Os europeus que servem com as tropas nativas devem ser, não apenas acima da média em termos de eficiência e caráter, e no fato de assumir mais responsabilidade, mas, sobretudo, eles devem servir porque querem e porque gostam dos nativos.***

—William Slim, Vizconde, *Defeat into Victory*, MacMillan Publisher Limited: Londres, 1986. pág. 166.

inteligência, uma marca nas operações táticas americanas, e a oportunidade de sincronizar as ações normalmente contavam com uma mínima representação dos iraquianos.

Apesar dessas diferenças, os iraquianos quase sempre cumpriram com sua missão, mas nunca alcançavam o padrão esperado pelos americanos. Quando consultores queixaram-se sobre o fato de que os iraquianos desdenhavam as oportunidades, eu os encorajava a perseverarem. Se isso for dito repetidamente, em algum momento, alguma parte da mensagem provocará uma mudança. Mas para reduzir a frustração eu também ressaltava o fato de que eles tinham que se lembrar de que nos encontrávamos no Iraque.

**Reação ao planejamento.** A falta de planejamento não significa preguiça. Isso significa que iraquianos preferem reagir ao contato, a entrar em ação quando são provocados. Logo após o bombardeio do Mosteiro de Samarra, no dia 22 de fevereiro de 2006, o Governo do Iraque determinou à nova brigada blindada que enviasse uma força-tarefa, valor batalhão, para ajudar Bagdá a controlar a violência que ameaçava com o retorno a guerra civil. Uma mensagem de alerta chegou ao comandante da unidade por volta do meio dia de um domingo e cuja ordem só foi publicada às 18 horas. Os americanos estavam ocupados, solicitando 24 horas de prazo para elaborar um planejamento detalhado, enquanto o Iraque estava preparando uma força para se deslocar. Os consultores estavam ainda estruturando as equipes para acompanhar o deslocamento, enquanto os comandantes iraquianos estavam preparando suas ordens e conferindo a carga. Aproximadamente às 02 horas da manhã de segunda-feira, a 1ª Companhia deslocou-se para o ponto de encontro. Entre 05h30min e 08h45min da manhã, 3 companhias com 11 viaturas blindadas russas e 19 carros de combate, deslocaram-se em operações descentralizadas para atender a solicitação de 3 brigadas, integrantes da 6ª Divisão do Iraque. Eu acompanhei uma das companhias de carros de combate. À chegada, indaguei quanto ao local onde os soldados poderiam descansar por algumas horas. O comandante respondeu que os carros iriam partir diretamente para a cidade de Bagdá, fazendo apenas uma curta parada para reabastecimento e conferência dos equipamentos. Às 11h30min da manhã, todos os integrantes da força-tarefa

mecanizada já haviam ocupado posição ao redor da cidade de Bagdá, simbolizando, de modo significativo, o crescimento da força do Exército do Iraque. Durante os próximos 12 dias, os iraquianos observaram com orgulho os seus carros de combate e viaturas mecanizadas russas, nos noticiários diários.

**Ponto final.** Os consultores são mais eficazes quando podem se apresentar diante dos iraquianos com um mínimo de humildade, compreendendo tanto os seus pontos fortes como os fracos. Os iraquianos retribuíram o respeito com o qual são tratados.

## Estabelecendo Relacionamentos Corretos

*Não tente fazer muito somente com suas próprias mãos. Melhor que os árabes façam com tolerância mais do que com perfeição. Esta guerra é deles e você está aqui para ajudá-los e não para vencer por eles. Na realidade, em uma situação única na Arábia, seu trabalho prático talvez não seja o ideal da maneira como você imagina. Talvez demore mais tempo e talvez não seja tão perfeito como você gostaria, mas da parte deles é o melhor a ser feito.*

— T.E. Lawrence, *Twenty Seven Articles*. Arab Bulletin, 20 de agosto de 1917.

Essa citação, apresentada nas reuniões, a cada duas semanas, entre os comandantes mais antigos e os consultores das Forças de Segurança do Iraque na Divisão Multinacional na área de operações em Bagdá traz aos consultores de hoje, um grande exemplo a seguir. Claramente, o trabalho de elaborar uma ordem com vista à prosperidade das operações no Iraque está nas mãos dos Iraquianos. Qualquer observador da política externa americana pode entender isso. Além do mais, nós sabemos que os comandantes iraquianos fazem o melhor que podem, quando se sentem autores da linha de ação adotada.

**As relações problemáticas do comando.** O relacionamento dentro do grupo entre os comandantes e os consultores do Exército americano ou entre a unidade do Iraque e a unidade aliada é problemático. A unidade aliada normalmente pertence a uma brigada americana que tem a responsabilidade por uma área de operações, no contexto de um comando



Departamento de Defesa

Soldados da 2ª Brigada desfilando em CCs restaurados e viaturas blindadas de transporte de pessoal BMP durante uma cerimônia na Base Militar Taji situada a 15 milhas de Bagdá. (17 nov 2005)

multinacional. O grupo de consultores do Exército Iraquiano aconselha as unidades iraquianas a operar como aliadas das outras no campo de batalha.

Porém, nem o grupo de consultores nem o Iraque têm um relacionamento formal de seus comandos com a unidade aliada. As unidades iraquianas têm sua própria hierarquia dentro do Governo e não fazem parte da Coalizão.

Um dos pontos mais frustrantes de atrito que observei era causado por concepções equivocadas entre os grupos. Muitos dos comandantes americanos acreditam que a Força Iraquiana faz parte da Coalizão e que a Operação *Iraqi Freedom* era uma tarefa adicional da Coalizão específica da área militar. Vários exemplos ilustram como os mal-entendidos foram causadores de discórdia e conflito: o comando de um pelotão iraquiano recusou-se a participar de uma patrulha combinada por não ter recebido ordem de seu comandante de Batalhão; uma patrulha iraquiana deixou sua área de atuação para cumprir uma ordem do Ministro da Defesa de escoltar um comboio desde Bagdá até o Taji; um comandante de uma brigada iraquiana emitiu uma ordem para um grupo manter-se em posição de emboscada, ignorando que uma unidade americana já havia ocupado esta posição em uma localidade próxima; um soldado iraquiano recusou a cumprir ordens americanas de recuperar um mosteiro até que recebesse ordens de um comandante de uma divisão iraquiana. Em todos estes exemplos, o comandante americano tinha total controle da unidade iraquiana, mas essa procurava mostrar-se independente e disposta a manter-se sob controle de um comando iraquiano. O primeiro impulso do

comandante americano era irritar-se, porém dentro da sua perspectiva de apoiar a construção de um novo Exército iraquiano, tais comportamentos deviam ser interpretados como iniciativas de um Exército Iraquiano fortalecido.

Embora as unidades da Coalizão e o Exército Iraquiano não compartilhassem da mesma hierarquia de comando, as tropas americanas e as unidades iraquianas na condição de aliadas, conduziam operações combinadas para melhor preparar o Exército iraquiano para o combate. O objetivo das operações combinadas é, contando com a experiência e a especialização das unidades americanas, treinar as tropas iraquianas no aspecto de liderança, na tarefa de emitir ordens aos seus elementos subordinados e na execução de uma missão no contexto de uma operação militar. Entretanto, na realidade e com frequência, as operações combinadas consistem em empregar um grupo iraquiano na operação, enquanto as unidades americanas definem os objetivos. Operando dessa maneira, coloca-se a face iraquiana para a multidão, mas não se emprega efetivamente uma força militar iraquiana.

**Desacordo entre as estratégias e táticas unificadas.** Há algum tempo, a principal meta dos esforços no Iraque é a construção de uma nova força militar. O pronunciamento do Pentágono ressalta a importância da liderança do Iraque, destacando como meta principal o desenvolvimento de uma força de segurança iraquiana capaz. Porém em termos táticos, os comandantes dos batalhões e brigadas necessariamente precisam concentrar seu tempo, talento e recursos no combate aos insurretos. Isso ficou claro na minha experiência durante as fases 3 e 4 da Operação *Iraqi Freedom*.

Uma operação na área da Divisão Multinacional-Bagdá, tendo como foco o treinamento do Exército Iraquiano ainda é muito arriscada, pois representaria colocar em risco a segurança e deixar o trabalho principal da construção de um novo Exército sob as ordens dos Comandantes iraquianos e seus consultores. Essa estratégia é possível somente se tropas americanas proverem segurança, que permita aos iraquianos treinar e praticar suas táticas, técnicas e procedimentos, dentro e fora da zona militar.

**O trunfo da cultura.** Um outro problema que prejudica a independência iraquiana é que os soldados americanos têm dificuldades para esperar e permitir que seus parceiros iraquianos assumam a liderança quando esses acreditam que podem cumprir a tarefa com maior eficiência e rapidez. De soldado a coronel, o militar americano é treinado para manter-se no cumprimento da missão, sendo que até o consultor mais experiente

***Os Consultores devem ser proativos em educar seus parceiros americanos, assim como trabalhar com os aliados Iraquianos, promovendo a parceria.***

esquece que o objetivo maior de sua tarefa deve ser apoiar a independência do Exército Iraquiano. Uma vez observei um consultor planejando uma apresentação de PowerPoint®, destacando uma ação significativa que tinha ocorrido com a unidade do Exército Iraquiano. Então perguntei se ele estava sendo apoiado com os seus parceiros iraquianos. Ele respondeu dizendo que gastaria quatro vezes mais tempo para fazer esta apresentação se o fizesse em parceria com os iraquianos. Esse tipo de pensamento prevalece em operações combinadas, onde os capitães americanos na guerra, freqüentemente, expedem ordens aos iraquianos sem deixar que eles trabalhem no planejamento ou na tomada de decisão.

Tal abordagem é errônea. Eventualmente os oficiais iraquianos terão que usar sua própria avaliação para comandar situações complexas sem o apoio americano. Nós temos

que usar cada oportunidade que se apresente para apoiar o desenvolvimento das habilidades de planejamento deles e o fortalecimento de sua cadeia de comando. Por exemplo, os comandantes iraquianos deveriam comandar as reuniões e as unidades deveriam se encarregar das questões táticas, dentro de suas capacidades. Nós temos que constantemente encontrar formas de colocar o Exército iraquiano na liderança, verificando sempre se eles estão preparados para obterem sucesso em uma missão.

**A discrepância entre as capacidades.** A enorme discrepância em relação à capacidade das unidades americanas e as do Exército iraquiano também dificulta os esforços de treinamento do Exército Americano. Precisa-se de uma brigada iraquiana de aproximadamente 2.000 homens para retomar uma área de operações que poderia ser controlada por um batalhão de 600 homens. Mesmo com um contingente maior de soldados iraquianos, ainda assim, a missão é concluída com menor qualidade. Existem algumas razões para essa discrepância:

- Os EUA têm a melhor ética de trabalho do mundo, principalmente quando os soldados são deslocados para longe e podem concentrar-se inteiramente na execução da tarefa. A cultura árabe, por outro lado, não valoriza tanto o relógio e acredita que, com o passar do tempo, tudo acontecerá em seu devido momento, ou seja, *in shah-allah* (Se Deus quiser).

- O Exército iraquiano não substitui seus soldados na área de operações e a rotatividade acontece sem planejamento, seguindo uma agenda de saída livre em que, a qualquer momento a força de combate é reduzida em 20 a 30 %.

- O militar americano provavelmente faz parte da força militar mais adestrada do mundo, enquanto que os soldados iraquianos recebem treinamento básico de apenas 3 a 5 semanas antes de se deslocar para o campo de batalha. A maioria das unidades do Exército Americano conta com soldados com experiência anterior de combate para contrabalançar o número de soldados inexperientes. O novo Exército Iraquiano enfrenta as batalhas conforme estas se apresentam e se desenvolvem. A brigada iraquiana, da qual fui consultor, adestrou-se em aproximadamente 10 meses, do momento da incorporação de

novos soldados até a realização de operações independentes com o apoio da Coalizão.

- Os recursos humanos americanos são enormes e possuem uma tecnologia que facilita o controle da situação. Em uma Equipe de Combate de Brigada, um capitão do batalhão é responsável pela troca de 15 oficiais do centro de operações táticas. Por outro lado, um iraquiano típico comanda com 2 rádio-operadores e um telefone celular. Os oficiais do Iraque ficam assombrados quando entram no posto de comando de uma brigada americana. Eles observam os ruídos das máquinas e as grandes telas de vídeo disponíveis. O contraste é enorme entre o Exército Americano, com elevados orçamentos, e o nível de profissionalismo da força improvisada do Iraque.

Um consultor que não assimila esses contrastes em sua perspectiva pode vir a denegrir a imagem de seus parceiros iraquianos, o que limita ainda mais sua capacidade de apoiar. Um comandante americano que ignore essa discrepância poderá interferir no desenvolvimento das operações de treinamento, criando exigências sobre eles como se estivesse trabalhando com oficiais americanos.

Para minimizar essas discrepâncias, em menos de um ano a 2ª Brigada Blindada Iraquiana recebeu e distribuiu todo o seu equipamento, uniforme e até mesmo a mobília de seus alojamentos, ao mesmo tempo em que realizava o treinamento individual e de pequenas unidades. A brigada fez isso, apesar de seu esforço para manter o índice de substituição de seus soldados em menos de 50% nos primeiros 5 meses, mantendo uma situação de prontidão para o serviço muito superior a esperada. Além disso, a brigada passou



Departamento de Defesa

*Soldados da 2ª Brigada desfilam em CC T-72 e em viaturas blindadas de transporte de pessoal BMP durante uma cerimônia na base militar Taji a 15 milhas de Bagdá. (17 nov 2005)*

a comandar as missões dentro de sua área de operações, sofrendo baixas e combatendo ao lado de seus parceiros americanos. Os parceiros da Coalizão e os consultores compartilharam o sucesso alcançado, porque eles permitiram que o Exército Iraquiano cumprisse as missões, enquanto partilhavam do pesar de protegê-los do fracasso. Eles fizeram isso repetidas vezes, para garantir a continuação dos avanços do Exército iraquiano.

**As distrações do combate.** Alguns atritos são inevitáveis entre os consultores e os comandantes táticos americanos. Os consultores conhecem de perto que preparar um novo Exército no Iraque requer paciência, flexibilidade nas expectativas e concessões, o que nem sempre é possível, pois existe a permanente tensão do combate contra os insurretos. Eles têm pouco tempo para manter contatos com os irmãos de farda

iraquianos para debater tática ou ouvir sobre os problemas administrativos enfrentados pelo Exército Iraquiano. Essa realidade não contribuiu e, em alguns momentos, a equipe de consultores segue o regulamento das unidades americanas quanto ao emprego de cerca de 10 a 25 soldados por batalhão para o cumprimento de uma missão. Alguns Comandantes iraquianos acreditam que este número pré-estabelecido significa um desperdício de recursos. Existe ainda a tensão de treinar as unidades iraquianas durante as operações de combate. Esse esforço envolve os incômodos com as traduções e o cansaço, concluindo-se de que é mais fácil executar uma missão com uma unidade americana, do que transformar a missão em um treinamento para os iraquianos. O Exército americano possui a reputação de trabalhar orientando-se pelo cumprimento da tarefa, porém isso pode transformar-se em um empecilho, quando o objetivo principal é treinar o Exército Iraquiano para um propósito maior, qual seja, o de cumprimento de missão.

**Sinais de mudança.** Os comandantes americanos melhoraram significativamente na sua missão de treinamento e aprimoramento das habilidades dos iraquianos para a liderança. Essa melhoria pode ser observada, comparando-se o nível de liderança presente na fase III da Operação *Iraqi Freedom* que terminou em janeiro de 2006 e a fase IV operação. Em novembro de 2005, o comando da brigada da fase III da Operação *Iraqi Freedom* manteve sua autoridade no Iraque ao não permitir que uma divisão do Exército Iraquiano autorizasse que

uma companhia participasse de uma cerimônia de doação de viaturas blindadas pela OTAN. Durante o planejamento para as eleições de dezembro, este mesmo coronel enfatizou que “se os americanos querem que as unidades iraquianas cuidem do campo de batalha eles devem preparar-se para tal”. Em termos operacionais, a posição do coronel é coerente, pois ele claramente quer uma tropa confiável ou será melhor não dispor de nenhuma. Em termos estratégicos, quanto ao desenvolvimento de uma tropa capacitada seu argumento torna-se irrelevante. A importância de colocar os soldados do Exército iraquiano no campo de batalha vale a perda da eficiência militar.

Durante a fase IV da Operação *Iraqi Freedom*, quando os iraquianos assumiram o comando da operação, os comandantes americanos acataram as resoluções iraquianas definidas a partir do Ministério da Defesa até o nível das companhias. Quando a 2ª Brigada assumiu o Comando da Área de Operações, em maio de 2006, o comandante americano respeitou as decisões do comando iraquiano. De modo geral, apesar dos contínuos mal-entendidos, o Exército iraquiano está no rumo certo, ao fortalecer a hierarquia do comando iraquiano.

Seria ingênuo acreditar que os problemas entre os consultores e seus aliados iraquianos foram completamente solucionados. Algum atrito persistirá. Porém, ambos grupos devem apoiar a liderança do Iraque, caso contrário o Iraque se tornará dependente das forças americanas. Um bom relacionamento entre os consultores e as unidades aliadas é essencial para minimizar

os problemas existentes entre os comandantes. Os consultores devem ser proativos em educar seus parceiros americanos, assim como trabalhar com os aliados iraquianos, promovendo a parceria. Durante o meu ano no Iraque, trabalhei com dois comandantes de brigada americanos. O primeiro preferia não lidar com os consultores e eu não obtive sucesso estabelecendo uma relação construtiva com ele. O segundo comandante estava mais interessado em ter os consultores



Departamento de Defesa

Soldados iraquianos marcham em frente do pavilhão de revisão na Base Militar Taji durante uma cerimônia em celebração da maior doação de material bélico pela OTAN até hoje. (17 nov 2005)

e os iraquianos fazendo parte de sua equipe. Eu fui convidado a participar das reuniões matinais para aumentar a conscientização sobre a situação e discutir as questões pendentes. Somando-se a esses encontros, outras reuniões entre os comandantes americanos e os seus aliados iraquianos sempre foram extremamente produtivas.

### Observações Finais

Os iraquianos moderados estão assumindo grande risco na construção de seu país, em defesa contra aqueles que preferem a anarquia, o extremismo ou o estilo ditatorial de Saddam. Quando perguntei a um subcomandante de brigada se ele era otimista sobre o futuro, ele respondeu que a segurança era o mais difícil a ser alcançado. E que depois que o Governo Iraquiano alcançasse a segurança, todos os demais desafios seriam mais fáceis. Ele argumentou que o povo iraquiano não espera muito de seu governo, porque a grande maioria havia recebido muito pouco durante os 35 anos de governo de Saddam.

Com a retirada das forças militares americanas, as forças iraquianas ocuparão papel de destaque, estabelecendo as bases de um Iraque seguro e pacífico. Os consultores americanos são fundamentais durante esse processo. Eles compartilham a sua experiência e, mais importante, ainda garantem a prevalência da democracia. Os consultores que acompanharem essa importante missão construtivamente e com vontade de colocar os iraquianos na liderança serão bem-sucedidos em sua missão. Eu pessoalmente considero meu ano no Iraque como o mais significativo de meus 22 anos no Exército.

Apesar da baixa aprovação e das dúvidas presentes nos Estados Unidos, o Presidente Bush está correto ao estabelecer um Iraque livre



Departamento de Defesa

*Soldados do Exército Iraquiano pertencentes à 2ª Divisão do Exército estabelecem pontos de controle nas cinco pontes em Mosul. Estes soldados detiveram todos os veículos com características especificadas de antemão.*

e democrático no centro estratégico do Oriente Médio. Meus amigos iraquianos anseiam pela chegada de dias em que as crianças possam desfrutar de paz e prosperidade, em um país que não tem razões para ser pobre. A geração atual entende que eles estão pagando o preço, para que as futuras gerações possam desfrutar de tudo que hoje lhes é negado.

A região dos dois rios jorrando óleo pode tornar-se um exemplo que eleve a Nação acima da história dos constantes conflitos. Porém, o futuro reserva mais mortes e perdas estratégicas. O inimigo está determinado e irá continuar na sua missão de impedir a liberdade no Iraque. Mas o processo de obter o controle durante a batalha contra os insurretos deve continuar, ainda que o mundo todo duvide da validade desses esforços. Esta missão é desafiadora para as maiores forças militares do mundo; e desafiará a capacidade de um novo Exército Iraquiano ainda por vir. Mas nenhuma missão importante é cumprida facilmente. Os atuais e futuros comandantes, participando da Operação *Iraqi Freedom*, deverão manter isso em mente, enquanto eles continuam desempenhando o seu importante trabalho, descrito pelo nome dado a esta operação. **MR**